

Teologia e a imagem de Jesus no cinema: um diálogo pendente no Brasil*

**Theology and the image of Jesus in the cinema:
a pending dialogue in Brazil**

Javier Celedón M.**

Resumo

Uma teologia que queira se manter em sintonia com a cultura contemporânea não pode prescindir do complexo contexto no qual vivemos. Este se caracteriza, entre outros aspectos, por ser um mundo que está “carregado de imagens”. Neste cenário, os meios audiovisuais se apresentam como agentes centrais da criação e transmissão da cultura e nele o cinema, em especial, ocupa um lugar preponderante. O presente artigo se aproximará desse contexto no intuito central de analisar qual a imagem de Jesus Cristo o cinema veicula na atualidade. Dessa forma, serão expostas alternativas de compreensão acerca do vínculo existente entre teologia e cinema; serão apresentados possíveis significados das representações de Jesus no cinema contemporâneo e, com base na análise de elementos cinematográficos relevantes, será proposto um roteiro de reflexão sobre a conexão entre a teologia e a sétima arte.

* Artigo recebido em 04/08/2016 e aprovado para publicação em 03/11/2016.

** Formado em Filosofia pela Universidad Alberto Hurtado (Santiago, Chile). Formando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, Brasil). O artigo é fruto do trabalho como bolsista da mesma Faculdade, sob a orientação do Prof. Dr. Manuel Hurtado. Colabora, também, como “promotor de incidência” no Centro Zanmi – Serviço Jesuíta a Migrante e Refugiados, sediado na cidade de Belo Horizonte, MG. Contato: javierceledonm@gmail.com. Todas as traduções do inglês foram realizadas pelo autor do artigo.

Palavras-chave: Cristologia; Cinema; Interdisciplinaridade.

Abstract

A theology that wishes to maintain its relevance with contemporary culture cannot disregard the complexity of the context in which we live. This is characterized, amongst others, by a world that is 'filled with images'. In this regard, audiovisual mediums have shown themselves to be the central agents in the creation and as transmission of culture. In particular, here, the cinematic form enjoys in pride of place. This article will approach this context, with the central aim of identifying the actual image that the cinema portrays of Jesus. In this way, we will demonstrate the links that such an image can offer in understanding the existing relationship between theology and film; the article will propose the possible interpretations that can be gleaned from contemporary representations of Jesus on film. Through an analysis of the filmic devices employed, we offer a script to guide future reflections in the interface between the seventh art and theology.

Keywords: Christology, Cinema, Interdisciplinarity.

Introdução

Vivemos num mundo carregado de imagens. Nossa cultura ocidental caracteriza-se pela rapidez e pela polifonia de estímulos que provém dos diversos meios de comunicação social. Desde começos do século XX, as artes audiovisuais têm-se convertido numa importante fonte de criação de cultura. O cinema, neste contexto, foi tanto o precursor como um dos maiores responsáveis deste fenômeno que molda nossa mentalidade e nosso modo de compreender a realidade.

Uma teologia que queira se manter em sintonia com a cultura contemporânea não pode prescindir do contexto que mencionamos. Muito menos se levarmos em consideração que a história do cinema se encontra atrelada às questões religiosas, como será exposto nas páginas seguintes. Um diálogo entre cinema e teologia se torna necessário. Assim, numerosos teólogos dos Estados Unidos e da Europa compreendem isso há várias décadas. Nestes países abundam publicações e diversas iniciativas que visam fomentar o diálogo entre Teologia e Cinema.¹

¹ Um antecedente histórico: já em 1928 um grupo de leigos católicos interessados neste diálogo criaram a Organização Católica Internacional para o Cinema e Audiovisual (OCIC, siglas em inglês) que, desde 2001 recebe o nome de World Catholic Association for Communication ou SIGNIS. Atualmente, esta é uma Associação de Fiéis reconhecida pelo Vaticano. Mais informações sobre o vínculo entre Igreja, magistério e

A situação na América Latina e no Brasil é, no entanto, bem diferente. Existem poucas instâncias de diálogo acadêmico e publicações sobre o tema. Neste contexto, o presente artigo é apresentado como uma colaboração inicial deste caminho ainda a ser trilhado. Este artigo apresenta alternativas de compreensão do mencionado vínculo, mostra o que significa apresentar Jesus desde o cinema e propõe alguns caminhos de reflexão cristológica partir do cinema.

1. Cinema e Teologia: um vínculo necessário

O nosso ponto de partida nos situa perante uma pergunta importante: Como compreender o vínculo entre Cinema e Teologia? Teriam eles alguma relação? Se sim, o que se pode apreender como aspectos dessa relação? Grande parte da bibliografia voltada para o tema reflete sobre tais perguntas. Elas nos ajudam a delimitar nossa pesquisa e a saber o que nos cabe esperar deste vínculo. Na tentativa de responder estas questões, há dois dados que é importante salientar.

Em primeiro lugar, a história do cinema encontra-se atrelada à Bíblia e às questões religiosas. Desde muito cedo, os produtores e cineastas tentaram levar temáticas tiradas deste universo simbólico à tela grande. A lista de filmes inspirados na Sagrada Escritura é numerosa. Isto levou muitos teólogos não só a se preocuparem com este fenômeno, mas a fazerem que muitos considerem que estes filmes podem ser produtivos em níveis muitos diferentes. Alguns consideram que o cinema traz uma importante potência crítica para a Teologia.² No entanto, outros pensam que os filmes podem ser de grande ajuda no processo exegético das Escrituras, como uma maneira de ampliar o círculo hermenêutico, entre outras funções (NGUYEN, 2010, p.186s).

Em segundo lugar, que o cinema aparece hoje como um dos mais importantes meios de criação de cultura.³ Uma teologia aberta ao mundo e ao que o Espírito faz nele não pode se desentender de tão importante veículo de constituição da mentalidade contemporânea. Menos ainda quando é possível postular que os filmes sobre Jesus têm colaborado, muito provavelmente, para constituir a imagem que muitos crentes têm dele.

cinema podem-se encontrar ORTIZ, William. "World Cinema: Opportunities for Dialogue with Religion and Theology". In: JOHNSTON (ed.), 2007, p. 77-78.

² É a opinião de um dos biblistas da Universidade de Glasgow, Escócia. Depois de expor como os filmes podem ser produtivos num nível pessoal ou existencial, disse que "existe também o valor de usar (o filme) como um meio de analisar criticamente algumas das ideias teológicas. Em particular, pode ser usado de maneira tal que desafie a sabedoria herdada pelas tradições religiosas." GRAHAM, John David. "The uses of film in theology". IN: MARSH; ORTIZ, 2006, p. 41-42.

³ Robert K. Johnston apresenta com bons exemplos como isto tem-se desvelado no nosso mundo contemporâneo. Uma amostra: "Filmes podem também ter um impacto social significativo. Quando o caricaturista de nome Walt Disney criou a personagem Bambi, o negócio da caça de cervos caiu radicalmente de U\$5,7 milhões para U\$1 milhão" (JOHNSTON, 2006, p.31).

Voltemos à questão inicial. Como compreender, então, este vínculo? Há diferentes ideias a respeito disso. Uma vez que a bibliografia sobre este ponto é muito dispersa, iremos apresentar dois modelos que consideramos relevantes.

Em primeiro lugar, existem alguns autores que consideram que o paradigma do vínculo entre cinema e teologia deve ser entendido como um *diálogo*. Entre estes autores encontra-se o teólogo Clive Marsh, que já publicou muitas obras que analisam esse vínculo. Para ele,

neste modo de compreender, o cinema é convidado a contribuir em toda sua integralidade com a Teologia cristã, embora seja esta que 'coloca a agenda'. A teologia cristã não pode, porém, procurar nele simplesmente um bom material ilustrativo. Procura, sim, confirmações de seus próprios conteúdos; mas espera também ser desafiada e até radicalmente questionada nesse processo. Para que isto aconteça, a teologia e a cultura têm que ser compreendidas como estando em diálogo: existindo, conjuntamente, num relacionamento dialético (MARSH; ORTIZ, 2006, p. 27).

Diversos frutos podem ser obtidos desta maneira de compreender o vínculo. Entre eles, podem-se mencionar os seguintes:

1. A utilização do cinema como contribuição para aprender uma linguagem na qual a teologia possa ser atual e, através do cinema, ser recebida pelo homem contemporâneo.
2. Permite não esquecer da importante dimensão pública de qualquer teologia cristã.
3. Ajuda a teologia cristã a lembrar que, como disciplina que lida com as questões humanas, tem algo a dizer sobre a vida dos afetos e a dimensão estética do humano.
4. Sendo de fácil acesso, os filmes podem ser muito úteis para levantar importantes perguntas teológicas para além da esfera da autoridade da Igreja.
5. Auxilia o campo da teologia e os seus pensadores a reconhecerem que não possuem domínio exclusivo das imagens e interpretações bíblicas.

Apesar dos frutos que esta perspectiva traz, nem todos os pensadores consideram que o modelo do diálogo é o mais adequado para compreender esta relação. O teólogo Gerard Loughlin, por exemplo, é um dos críticos da perspectiva supracitada. De acordo com Loughlin, existe um risco neste modo de compreender o vínculo, pois para ele os filmes não podem "falar". De fato, crítico de arte algum tentaria estabelecer um

diálogo com qualquer obra de arte: eles as abordariam partindo de seus próprios arcabouços teóricos.

O ponto de partida de Loughlin – como na maioria dos autores – é justamente a pergunta pela história e possibilidade do vínculo entre cinema e teologia. Respondendo ao que é uma grande crítica de alguns pesquisadores, o autor discute que o cinema seja somente um meio de entretenimento ou de difusão de ideologia.⁴ De fato, desde surgimento da “sétima arte”, religião e filmes tiveram um vínculo muito próximo:

[...] Teologia no filme – como modo do discurso acadêmico- é ainda mais novo, mas a inter-relação entre filme e religião é tão velha como o cinema pode ser, isto desde que a religião adquiriu um interesse no que o cinema poderia mostrar de si, e desde que o primeiro cinema interessou-se em mostrar à religião. Ambos estão preocupados em representar um ao outro (In: CHRISTIANSON *et al.*, 2005, p.2).

Mas, “estar preocupados em representar um ao outro” não seria uma confirmação de que o protótipo de relação é o diálogo? Segundo Loughlin, não necessariamente. É claro que os filmes *representam* algo, mas o diálogo sempre supõe que existe certa paridade que possibilite ter tal conversação. No fundo, o teólogo inglês quer fugir do grande risco de que, sob o título de “diálogo”, esteja se escondendo um “ato de ventríloquo”, ou seja, que se imponha aos filmes aquilo que o observador quer que eles digam sem crítica nenhuma (um puro subjetivismo, por dizê-lo de alguma maneira). Por isto,

Quando a teologia ou as ciências da religião querem considerar os filmes, elas devem fazê-lo como críticos responsáveis, isto é, como aqueles que levam seus próprios interesses e suas próprias ferramentas críticas para utilizá-las naquilo que procuram que estes iluminem (ibid., p.3).

Segundo Loughlin, aproximar-se desta maneira do cinema ajudaria a constatar que o cinema não visa dialogar com o público, mas “revelar” *algo*. O cinema seria, assim, epifânico. Cinema e teologia compartilham não somente uma história em comum: sua maneira de aproximar-se às coisas é semelhante, no sentido que ambos querem desvelar uma porção da realidade.

Esta similitude estrutural – no sentido em que ambas se aproximam do seu objeto de maneira semelhante – que há entre cinema e teologia possibilita que haja uma nova maneira de compreender tal vínculo. O teólogo propõe que, para a teologia receber adequadamente os filmes, é

⁴ Robert K. Johnston aprofunda bastante também nesta discussão. Embora seja inquestionável que muitos filmes são realizados justamente por razões de entretenimento e de lucro, isto não tira deles a “potência artística” que há insito neles. Ver JOHNSTON, 2006, p. 117-134.

necessário um modo de olhar que permita entrar no mundo do filme antes de falar dele para, assim, utilizá-lo teologicamente. Deste modo de olhar surge então o que o autor concebe como *teologia cinematográfica*: uma maneira de compreender o vínculo em que o cinema aparece como *desvelando* questões próprias da teologia.

Este ponto de vista requer que se realize um trabalho de crítica, pois uma adequada imersão no filme supõe compreender a maneira como o cinema se expressa. Isto teria que levar a estabelecer vínculos com outras disciplinas: história da arte, sociologia, psicologia, porque “para compreender um filme é necessário compreender as culturas que mostram e que vemos” (ibid., p.6).

Contudo, o processo não pode ficar preso à análise técnica somente. Mesmo sendo necessário, importa complementar esse momento de reflexão com uma *atitude* nova: deixar que o cinema seja epifânico supõe, assim, praticar a “*vídeo divina*”:

Uma verdadeira cinematografia teológica –enquanto realizada por teólogos e não por “homens de cinema” (que, claro, podem ser teólogos) - tem que ir para além das preocupações técnicas e estéticas, para além das pesquisas históricas, filosóficas e sociológicas, e comprometer-se com o filme assim como o faz com as Escrituras. Tem que praticar sua própria *lectio divina*, na qual, enquanto busca compreender a Escritura em todo seu contexto de formação, transmissão e interpretação, espera também entrar no texto de tal modo de que possa encontrar –e que possa ser encontrado- por quem verdadeiramente vale a pena ser encontrado (ibid, p.9).

A aposta de Loughlin é que, em definitiva, o cinema seja uma maneira em que o homem contemporâneo possa encontrar Deus. Desta maneira, praticar *vídeo divina* supõe assistir a filmes na crença de que eles não somente vão desvelar ao ‘mundo’ e uma interpretação do mundo, mas aquilo que mais fundamentalmente sustenta nosso mundo: Deus. O cinema aparece, assim, como um lugar relevante para a prática teológica.

2. "Jesus de Hollywood"

A discussão anterior nos ajuda a dar o seguinte passo. Independentemente da aproximação que se utilize para pensar o vínculo cinema e teologia, a história de ambos nos levam a pôr em destaque um dos personagens centrais delas: Jesus de Nazaré, o Cristo. A relevância para a teologia cristã é, obviamente, inquestionável: Ele é, segundo o Concílio Vaticano II, a plenitude da revelação e por quem temos acesso ao Pai e ao Espírito Santo, tornando-nos, assim, participantes da natureza divina (DV 2).

Resulta interessante, no entanto, que esta feliz definição dogmática vai muito além de ser uma "mera definição". Poder-se-ia dizer que esta elaboração teológica da fé dá conta de um fato que perpassa a história da nossa era: o mistério do Deus feito homem penetrou profundamente na nossa cultura. O cinema, como espelho e motor desta cultura, é um bom exemplo. Ele tem, de fato, uma vasta lista de filmes dedicados a Jesus. Como salienta Vadico (2009, p.14), "basta dizer que antes de Cecil B. DeMille ter produzido seu clássico *O rei dos reis*, de 1927, já havia 39 filmes sobre a vida de Jesus Cristo". Desde então, o ímpeto por levar Jesus à tela grande não tem diminuído.⁵ A fecundidade do gênero dos "filmes de Jesus"⁶ manifesta-se no alto impacto que ele tem suscitado na mentalidade religiosa contemporânea. Embora não tenhamos ciência de estudos sociológicos a respeito, podemos dizer que

dada sua popularidade, é possível argumentar que os filmes de Cristo são o meio mais significativo mediante o qual a cultura popular deste século tem absorvido seu conhecimento sobre a estória do Evangelho, e a maneira como tem formado uma impressão sobre o fundador do cristianismo (MARSH; ORTIZ, 2006, p.122).

Como explicar, então, o fenômeno "Jesus no cinema"? E, mais importante ainda, que imagem d'Ele tem-se desvelado nas produções da sétima arte?

A acadêmica Adele Reinhartz pode-nos ajudar a responder a primeira questão. Em seu estudo *Jesus of Hollywood* (2007), dá uma chave interpretativa: a penetração da pessoa de Jesus Cristo nas culturas que receberam a influência cristã foi tão significativa que, para se manter viva e relevante, ela precisa de uma constante re-atualização, de um permanente "resgate hermenêutico".

Este fenômeno não é novo. Vemo-lo presente já desde os primórdios da Igreja com as mais diferentes representações pictóricas e

⁵ É só entrar no site da "Internet Movie Database" (Base de dados de filmes em internet) para confirmar isto: a lista transcende por muito aqueles filmes que tornaram-se populares. Cfr. www.imdb.com.

⁶ Em inglês, "Jesus films" ou "Jesus biopics".

artísticas de Jesus. E, mais recentemente, poder-se-ia mencionar a enorme produção de biografias de Jesus que o século XIX e a busca do "Jesus histórico" suscitou. A produção cinematográfica se inscreve, assim, nesta dinâmica histórica que dá conta de uma dimensão hermenêutico-antropológica própria do ser humano: a necessidade de atualizar aqueles significados fundamentais para a própria existência e, a partir de uma perspectiva cristã, da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, Palavra encarnada.

Há, todavia, outro fator que explica a abundância das "imagens de Jesus" que a história tem produzido: os grandes silêncios e "espaços vazios" que os Evangelhos deixaram. Como a comunidade de João explicitou, Jesus realizou muitos sinais, mas nem tudo foi escrito (Jo 20,30-31). E são estas omissões as que, em concomitância com o exprimido anteriormente, explicariam a tentativa por recriar a vida de Jesus.

Este é o chão existencial que faz com que "Jesus de Nazaré" seja atualizado e 'convertido', segundo Reinhartz (2007, p.11) em "Jesus de Hollywood", ou seja, o modo como o cinema apresenta o rosto e a identidade de Jesus. Para a autora, este deslocamento – de Nazaré para Hollywood – é um límpido reflexo daquilo que a cristologia e a ciência bíblica tinham alcançado depois de séculos de reflexão e pesquisa: que Jesus de Nazaré (ou, como se dizia antigamente, o "Jesus histórico") só é atingível através de *mediações*, isto é, aquele homem concreto e carnal que caminhou pelas terras da Palestina é conhecível graças às mediações históricas, narrativas, pictóricas, etc.

Agora, esta multiplicidade de imagens de Jesus nos coloca frente a um desafio e uma pergunta: Existe alguma imagem mais "autêntica" de Jesus? Como *discernir*, em definitivo, aquilo que as narrativas fílmicas apresentam? E como fazer isto sem que este exercício "afogue" a liberdade e a potência crítica que o cinema tem enquanto arte? Todas estas perguntas, importa explicitar, são especialmente relevantes quando assistimos a esse gênero de filmes que já nomeamos como "filmes de Jesus", ou seja, aquele cinema que *explicitamente* tenta expor a vida ou alguns momentos da vida de Jesus de Nazaré.⁷

Na hora de responder a tais perguntas, consideramos relevante, metodológica e existencialmente, não esquecer a "natureza" propriamente artística do cinema.⁸ O que queremos salientar com isto é que o cinema, como qualquer outra arte, seguindo Heidegger, "abre mundos". A arte, pela própria constituição, recusa-se a ser externamente definida,

⁷ Mencionamos isto porque muitas das obras pesquisadas ampliam o escopo da análise, tentando discernir imagens de Jesus ou de temáticas do campo religioso em filmes que não buscam explicitamente transmitir conteúdos religiosos. Um bom exemplo é o livro já citado de Marsh e Ortiz (2006). Numa linha ainda mais audaz, Deacy (2001) postula que o cinema realiza hoje, para muitos, aquilo que antigamente era próprio da experiência religiosa: transmitir uma ideia de redenção e salvação.

⁸ Em que sentido o cinema é arte e como distinguir aqueles filmes que se poderiam excluir desta categoria daria para uma extensa discussão, que transcende os limites deste trabalho. Por ora, e atendendo ao escopo da nossa análise, suporemos que os filmes aos quais nos referimos são expressão da cultura e, bem como da arte.

categorizada, apressada. Seu ser é isso: abrir interpretações, outorgar sentidos que precisam ser “encontrados” pelos receptores da mensagem. Ela não é absolutamente “subjetiva” (não depende unicamente de quem recebe a obra), mas também não se deixa controlar por categorias externas. Sua “essência” é a liberdade.

O anterior é importante, sobretudo para os que assistimos filmes de Jesus e pertencemos a alguma tradição religiosa. Às vezes, a riqueza das nossas tradições impede-nos de receber as propostas artísticas com a liberdade que elas pedem.⁹ Seguindo a sugestão de Loughlin, indicada anteriormente, importa que vejamos os filmes de Jesus como “*vídeo divina*” e deixemo-nos assim interpelar por eles pois, finalmente, “o Espírito sopra onde quer” (Jo 3,8).

No entanto, esta acentuação do polo mais “subjetivo” não pode nos fazer esquecer de um outro polo, também necessário na hora de receber os filmes de Jesus. É preciso lembrar que para uma análise séria do cinema importa utilizar outras ferramentas e técnicas de aproximação. William Telford, um dos mais respeitados pesquisadores da área, faz uma detalhada proposta metodológica no artigo “Through a lens darkly: Critical approaches to theology and film” (In: CHRISTIANSON *et al*, 2005, p.15-43). O autor propõe que uma análise profunda só pode ser realizada se se utilizam conceitos e ajudas que provenham da análise narrativa, sociológica, do roteiro, das personagens, entre outros aspectos. Só desta maneira poder-se-á resgatar a imagem de Jesus proposta no filme.

O pesquisador brasileiro Luiz Vadico (2008, p.52s) explicita ainda mais este método de análise. Salientamos alguns dos elementos propostos por ele:

- a) As fontes: no discernimento da imagem de Jesus, um primeiro elemento a considerar é qual ou quais foram as fontes principais que informam a obra. Existe algum dos evangelhos (canônicos ou apócrifos) que predominam? Embora o exercício possa ser interessante, o autor salienta que não é de grande utilidade, pois a maioria dos filmes tem optado pela tentativa de harmonizar as diferentes fontes antigas. Uma grande exceção – por esta e outras razões – é o filme *O evangelho segundo são Mateus* (Pier Paolo Pasolini, 1964).
- b) O fictício: é aqui onde com maior clareza podemos reconhecer o aporte do diretor. O filme *A última tentação de Cristo* (Martin Scorsese, 1988) é um bom exemplo disto. O diretor opta, não sem conseqüências, por apresentar um Jesus que “luta” por integrar suas duas naturezas (humana e divina).

⁹ O filme Jesus de Montreal (Denys Arcand, 1989) é um ótimo exemplo disto. Na obra, um grupo de atores é contratado por um padre para encenar a vida, morte e ressurreição de Jesus. O resultado, uma peça audaciosa e livre, não satisfaz ao representante do clero e a encenação é suspensa. No entanto, o filme vai apresentando este elemento dramático e fazendo um paralelo de ótimo nível entre a vida de Jesus e a vida do ator que encarna a vida de Jesus.

Para além das discussões que o filme levanta¹⁰, vemos aqui um bom exemplo da tomada de consciência de que Jesus precisa ser reinterpretado por cada geração, como já dissemos. E por isso, as cenas extrabíblicas são importantes de analisar para se perceber qual Jesus é transmitido.

- c) Os atores: questão nada trivial e na qual se percebe com maior clareza a força do cinema. Se fizéssemos uma pesquisa, muito provavelmente a maioria dos crentes iriam pensar que Jesus possuiu traços mais ocidentais que semíticos. A imagem de Robert Powell, por exemplo – quem representa Jesus no filme *Jesus de Nazaré* (Franco Zeffirelli, 1977) – se instalou quase como representação canônica, sobretudo devido a que o filme é apresentado cada Semana Santa na TV aberta. Neste assunto é onde há, provavelmente, maior convergência nos “filmes de Cristo”: a apresentação de Jesus como um homem de traços ocidentais.
- d) O contexto histórico-social do qual emerge o filme: como nos próprios evangelhos, os filmes também dão conta do *Sitz in Leben* no qual estes surgem. Não à toa o Jesus de *Jesus Cristo Superstar* (Norman Jewisson, 1973) é “hippie” e o Jesus da *Paixão de Cristo* (Mel Gibson, 2004) padece horrores por causa de uma força maligna.¹¹

Estes são alguns dos elementos que podem ser analisados para realizar o exame proposto. Embora não taxativos, ajudam-nos a tirar algumas conseqüências.

Em primeiro lugar, fica em evidência que não existe “uma” imagem de Jesus no cinema. Ao contrário, os filmes se caracterizam, na sua tentativa de “resgatar hermeneuticamente a figura de Jesus”, por apresentar rostos muito diversos. Assim, por exemplo – e novamente com Vadico (2009, p.47s) –, apreciamos na história dos filmes representações variadas de Jesus: “Jesus, um americano” em *Rei dos reis* (Nicolas Ray, 1961); “Jesus, o bom pastor” em *A maior história de todos os tempos* (George Stevens, 1965); “Jesus, o Verbo” em *O evangelho segundo são Mateus* (Pier Paolo Pasolini, 1964); “Jesus, o judeu” em *Jesus de Nazaré* (Franco Zeffirelli, 1977); “Jesus, o medieval” em *Paixão de Cristo* (Mel Gibson, 2004); entre outras.

¹⁰ José Ignacio González Faus (1988) faz um profundo e sério comentário ao respeito da imagem de Jesus que o filme mostra. Ele estaria apresentando um Deus que luta contra o homem (ibid., p.6) e uma nova proposta de adocionismo, isto é, da crença que Jesus teria sido “primeiro homem e depois Deus” (ibid., p. 7).

¹¹ O livro de CHRISTIANSON et al (eds.), *Cinema Divinité*, traz um epílogo interessante que discute vários pontos do filme de Gibson. Na transcrição da mesa redonda onde participaram vários teólogos e cineastas, destaca-se, entre outros aspectos, o clássico tema dos filmes de Gibson: a luta sem matizes entre o bem e o mal. A opinião dos dialogantes é que esta aproximação é um reflexo de alguns setores norte-americanos e como eles compreendem a “a luta contra o mal”, isto é, a guerra do herói da democracia (EUA) versus as forças que impedem que “reine a liberdade” (Afeganistão, Iraque ou quem quer que represente “o mal”). Disse um dos convidados: “Como na *Paixão*, Coração Valente não teve nenhuma nuance na caracterização, sem distinções claras, entre o bem e o mal” (CHRISTIANSON et al., 2005, p. 317).

Em segundo lugar, desta multiplicidade de imagens se impõe, como foi dito, um discernimento. Novamente, sem desconsiderar os aportes que a arte traz, pode ser de grande ajuda – sobretudo para o povo cristão – confrontar as imagens de Jesus que se apresentam com o que os Evangelhos nos mostram. Elas são, aliás, não só as fontes mais antigas, mas também as que têm emoldurado a fé segundo as nossas respectivas tradições.

Em terceiro lugar, pensamos que o exercício desta *vídeo divina* pode dinamizar e atualizar essa mesma *lectio divina* que é necessária para o discernimento dito. O poder do cinema pode ajudar-nos a reler o fato cristão com um novo olhar, pois como vimos, ele tem a força de colocar questões, de abalar certezas, de “abrir mundos” e novas maneiras de interpretar a existência. Estes avanços nos ajudam, assim, a dar o último passo do nosso artigo.

3. Para um roteiro de reflexão cristológica a partir do cinema

A força do cinema, o lugar que ocupa hoje na cultura contemporânea e a longa história que o vincula com a tradição cristã nos convidam a propor algumas ideias que nos poderiam ajudar a continuar na reflexão cristológica. Neste momento, recolhemos algumas das coisas já ditas e, junto a outras, as colocamos como uma maneira de continuar o diálogo que nosso contexto pede.

Neste roteiro de reflexão proposto é importante distinguir diferentes níveis.

Em primeiro lugar, o nível da reflexão acadêmica. Como vimos, o vínculo do cinema com a teologia pode ser tremendamente útil e produtivo. Assistido com um olhar atento e livre, os filmes podem nos ajudar a ampliar horizontes compreensivos, a colocar novas questões, a melhor compreender a cultura para a qual a teologia está destinada. Isto vale para os filmes explicitamente religiosos, mas não unicamente. De fato, muita da literatura pesquisada quer mostrar como os filmes “pagãos” podem ser tremendamente úteis na reflexão teológica.

Nesse nível da reflexão pode ser muito interessante o “exercício público” do pensar cinematográfico. Este revela-se como um espaço que pode ajudar a receber os filmes e aproveitar a potência crítica que eles trazem. Esta prática instala-se em diversos lugares, tanto em nível acadêmico como pastoral.¹²

Ainda no nível da reflexão acadêmica, poderia ser muito interessante tomar algumas temáticas específicas da cristologia e ver

¹² A Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte, por exemplo, realiza periodicamente sessões de cinema abertas ao público. Nestas, assiste-se a filmes para em seguida passar a um diálogo orientado por alguém que comenta algumas ideias centrais do filme assistido.

como elas são representadas nos filmes de Jesus. Assim, por exemplo, poder-se-ia examinar o significado de questões centrais como encarnação, redenção, reino de Deus, missão, mistério pascal, etc. Provavelmente uma comparação de dois ou mais filmes mostraria com maior clareza tanto as diferenças como os aportes que cada produção apresenta.

Nessa mesma linha, pensamos que os filmes podem ser de grande ajuda para recolocar temáticas relevantes da cristologia. Em diversos países aconteceu que os filmes *A última tentação de Cristo* e *A paixão de Cristo* suscitaram profundos diálogos. O primeiro levou a que, por exemplo, o teólogo espanhol José Ignacio González Faus elaborasse uma "Cristologia Elemental", que tentou responder e dialogar com alguns pontos problemáticos do filme. Uma reação semelhante suscitou o segundo filme, que fez com que muitos cineastas e teólogos se reunissem em profundos debates, tal como é apresentado no epílogo do livro *Cinema Divinité* (CHRISTIANSON *et al.*, 2005, p.311-330).

Existe outro nível no qual os filmes podem ser de grande ajuda: o nível pastoral. Esta prática não é nova na vida da Igreja. Desde os "autos sacramentais" e até mesmo os primórdios do cinema, a utilização de imagens da vida de Jesus tem sido de grande ajuda na transmissão do Evangelho – assim refere, por exemplo, o pesquisador brasileiro Luiz Vadico. Como parte de seu projeto de pesquisa, ele veio salientar a rápida recepção que houve dos primeiros filmes de Jesus (VADICO, 2009, p.132). Hoje, nos mais variados cantos do mundo, continua-se a reproduzir iniciativas, mesmo aplicadas ao método dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, tal e como testemunha o livro *Finding God in the Dark: Taking the Spiritual Exercises of St. Ignatius to the movies* (PUNGENTE; WILLIAMS, 2004). Numa cultura predominantemente audiovisual, a utilização dos filmes ou de trechos de filmes pode ser de grande ajuda na transmissão da mensagem do Evangelho.

Um último nível que gostaríamos de salientar é o pessoal. Em uma cultura onde a experiência da religião institucionalizada parece debilitar-se, os filmes aparecem, para alguns pesquisadores, como uma das maneiras em que as pessoas encontrarão aquilo que antigamente era garantido *exclusivamente* pela pertença a alguma comunidade religiosa. Deacy (2001, p.8s), por exemplo, postula que o processo de secularização do Ocidente não acabou com o religioso. Ao contrário, esse processo engendrou um caminho de mudanças radicais nesta esfera. O autor pensa que os filmes poderiam chegar a preencher parte do vazio que essa mutação parece deixar. Enfim, o cinema pode estar se convertendo num lugar que ajuda ao encontro pessoal da pessoa com Deus. Isto supõe, claro, grandes desafios e não poucos riscos. Mas para quem acredita que Deus continua a agir na história, desconsiderar este fenômeno só faz com que a distância que muitos homens e mulheres sentem das instituições religiosas se aprofunde.

Conclusão

Por último, e para terminar nosso percurso, queremos pôr em destaque algumas das questões centrais que nosso artigo quis apresentar.

A apresentação dos modelos de compreensão entre cinema e teologia que mostramos apontam algo importante: os traços e contornos deste vínculo ainda não estão absolutamente definidos. Isto traz uma grande oportunidade – pois é algo que está nascendo, sobretudo no contexto brasileiro e latino-americano –, como também um desafio, pois não há cânones nem métodos estabelecidos. Enfrentar ambos poderia auxiliar a teologia local no seu próprio processo de atualização e renovação, no intuito de buscarmos novas maneiras de pensar e transmitir o tesouro que nos foi dado.

Nosso segundo momento salientou como a imagem de Jesus continua a ser relevante e significativa para a cultura, e como o cinema tem tentado reinterpretá-la e atualizá-la. Deste esforço realizado pela tela grande fica em evidência o grande aporte que o cinema pode trazer para a vida do crente, no intuito de que realizar *vídeo divina* supõe que haja uma apropriação pessoal da experiência de Jesus Cristo.

No terceiro momento do artigo ficou em evidência por que é necessário que o Brasil e o continente latino-americano continuem a considerar ainda mais o influxo do cinema e das outras expressões culturais. Eles garantem que a mensagem que buscamos transmitir não fique relegada a uma falta de significação que, a longo prazo, faça com que a vida cristã deixe de ser boa notícia para outros e fique fechada só para aqueles que compreendem uma linguagem estranha e desvinculada do mundo.

Todas estas razões fazem desejável que a teologia local se aproxime mais do cinema. E, quem sabe, esta maior proximidade poderia ajudar a que cineastas e produtores brasileiros se encorajem a realizar um “filme de Jesus” que possa aportar à rica perspectiva que nossa cultura eclesial latino-americana tem para compartilhar com o mundo.

Referências

- CHRISTIANSON S. Eric; FRANCIS Peter; TELFORD R. William. *Cinéma Divinité. Religion, Theology and the Bible in film*. London: Canterbury Press, 2005.
- DEACY, Christopher. *Screen Christologies. Redemption and the medium of film*. Cardiff: University of Wales Press, 2001.
- GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. “Cristologia elemental”. *Cuadernos de Cristianisme i Justícia*, n.26, p.1-18, novembro 1988.

- JOHNSTON K., Robert. *Reel spirituality. Theology and film in dialogue*. Michigan: Baker Academic, 2006.
- JOHNSTON K., Robert. *Reframing theology and film. New focus for an emerging discipline*. Michigan: Baker Academic, 2007.
- LEONARD, Richard. *Movies that matter. Reading film through the lens of faith*. Chicago: Loyola Press, 2006.
- MARSH Clive; ORTIZ Gaye. *Explorations in theology and film*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- NGUYEN T., Henry. "The question for the Cinematic Jesus: Scholarly Explorations in Jesus Films". *Currents in Biblical Research*, vol. 8, no. 2, p. 183-206, February 2010.
- PUNGENTE, John; WILLIAMS, Monty. *Finding God In The Dark: Taking The Spiritual Exercises Of St. Ignatius To The Movies*. Toronto: Novalis, 2004.
- REINHARTZ, Adele. *Jesus of Hollywood*. New York: Oxford University Press, 2007.
- VADICO, Luiz. *Filmes de Cristo: Oito aproximações*. São Paulo: A lápis, 2009.
- VADICO, Luiz. "Cristologia fílmica: subsídios teórico-metodológicos para análise da produção das imagens de Jesus no cinema e na TV". *Alceu*, v.9, n.17, p.47-63, jul./dez. 2008.
- VIGANÓ, Dario Edoardo. "As faces de Jesus no cinema. Histórias da história de Jesus. História das histórias de Jesus. Contemporâneas *Figurae Chisti*." *Teocomunicação*, v.41, n.2, p.185-199, jul./dez. 2011.
- WOOD, Michael. *Film. A very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2012.